

# *Atraso já é de US\$ 1,8 bilhão*

Os compromissos em atraso do Brasil com credores externos já subiram para US\$ 1,8 bilhão, com crescimento de US\$ 400 milhões nos últimos quinze dias, informou ontem fonte do Banco Central. Ainda ontem, o presidente e o vice-presidente de operações internacionais do Banco do Brasil, Oswaldo Colin e Eduardo de Castro Neiva, iniciaram por Miami contatos com dirigentes de bancos regionais do Sul e da Costa Oeste dos Estados Unidos. Hoje, o presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, tem encontro com os economistas do subcomitê de economia do comitê de assessoramento da fase 2 da renegociação da dívida externa brasileira, Douglas Smee, Bryce Ferguson e S. Chapmann, e almoça com o dirigente do Bank Of America, William Bolin, junto com o ministro da Fazenda, Ernane Galvães.

O governo procura, após a conclusão dos entendimentos técnicos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) criar clima favorável para a retomada das negociações com os banqueiros estrangeiros. O Banco Central assegurou aos bancos a prioridade no pagamento dos juros dos empréstimos sindicalizados, com

atrasos em torno de sessenta dias, ao reconhecer que a média dos atrasados alcança 53 dias. Entre os juros da dívida externa, os encargos das operações sindicalizadas terão preferência no quadro de escassez de recursos.

Mesmo com a centralização das remessas ao exterior e o controle total dos ingressos de moeda estrangeira, em vigor desde o início do mês, o fluxo de caixa continua desfavorável até para a cobertura dos compromissos prioritários, como o pagamento das importações de petróleo e dos juros. Por isso, o Banco Central só pode pedir paciência aos credores e reiterar as prioridades, observou fonte da área financeira.

Colin e Neiva permanecerão mais oito dias nos Estados Unidos, com passagem por Atlanta, Dallas, San Francisco, Los Angeles e Nova Iorque, para contatos com banqueiros locais e exame das operações das agências do Banco do Brasil. Como ocorreu na fase 1 do programa de ajuste das contas externas brasileiras, a posição dos bancos regionais norte-americanos tem papel fundamental no sucesso da fase 2 de renegociação da dívida do país.